

irmãs de
sangue

R I C K Y N O B R E

Irmãs de Sangue
2004

Direção de arte (capa e miolo)
Ricky Nobre

Revisão
Marco Aurélio Rocca

A letra no capítulo XIV pertence à música *Circle Mortality*, escrita por Jukka Vourinen, incluída no CD *Wisdom Floats*, do grupo Decoryah.

Editora Linhas Tortas
Caixa Postal: 25043
e-mail:linhastortas@ig.com.br

Diretor Executivo
Marcelo Matos

Diretor Editorial
Wagner Pratti

Conselho editorial
Eddie Van Feu, Renato Rodrigues e Ricky Nobre

Equipe de promoção e eventos
Wagner Pratti, Eddie Van Feu, Carlos Magno Rodrigues e Ricky Nobre

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

N673i Nobre, Ricky, 1971-
Irmãs de sangue: um conto vampírico
/ Ricky Nobre. - Rio de Janeiro: Linhas Tortas, 2004
144p. :

ISBN 85-98428-02-7

1. Vampiros - Ficção. 2. Ficção brasileira.
I. Título.

04-1433.

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-3

03.06.04 08.06.04

006665

Para Isa, Gaby e Ju.

With the lights out
Is less dangerous
Here we are now
Entertain us

*Kurt Cobain
Smells Like Teen Spirit*

P R Ó L O G O

O carrasco mal podia se agüentar. Era uma data histórica, pelo menos para ele. Com sua função privilegiada, ele era um dos únicos que podia matar um vampiro de classe superior sem ser queimado vivo por isso. Mas aquele dia era muito melhor! Era uma nobre! Raça mesquinha e metida a besta! Mas “a justiça vampírica não falha”! Nenhuma nobrezinha podia sair por aí fazendo merda e sair impune. Ele quase salivava só de pensar: a cabeça dela rolando pelo chão, o sangue banhando seu vestidinho de seda branca de cinco mil libras... Vagabunda! Escolhera cuidadosamente um machado de fio bem grosseiro, para que precisasse golpear três ou quatro vezes.

Finalmente ela chegou, trazida pelos soldados. Interessante... Ela sabia (e usava!) palavras bem sujas para uma nobre. Ela resistia, lutava e desafiava. Que maravilha! Era realmente um dia memorável! Pena que não lhe seria permitido se divertir primeiro. O que não seria possível fazer com aquele corpo macio, acostumado a banhos e cremes... O soldado encostou na mesa de pedra a cabeça da mulher de cabelos e olhos negros. O carrasco cuspiu nas mãos, aguardando a autorização do oficial para fazer seu trabalho.

De repente, do corredor à sua frente, surgiu ele. Sua postura majestosa lhe fazia parecer muito mais alto do que realmente era. Com os longos cabelos loiros soltos e com sua espada embainhada, ele ordenou:

— Suspendam a execução. Soltem-na agora.

Os soldados imediatamente atenderam à ordem, enquanto o carrasco não acreditava no que lhe aconteceu. Ele devia imaginar que o amante militar da vadia iria fazer alguma coisa para salvar o seu pescoço. Nunca sentiu tanto ódio na vida quanto por aquela mulher que nem conhecia. E ela ainda lhe deu uma cusparada antes de correr para os braços do seu salvador, que a puxou, andando rápido pelos corredores.

— Por que demorou tanto?

— Cale a boca. Você não sabe o que eu fiz para tirar você daqui.

— Se é para me jogar isso na cara, era melhor ter me deixado lá.

— Pare com isso! Desta vez foi muito mais do que uma simples negociação. A estrutura do poder está mudando. E você vai ter que sair daqui.

— Posso voltar para Paris?

— Você vai para onde eu quiser. Vai para minha casa em Moscou.

— Moscou?! Mas são semanas de viagem!

— Não importa. Eu quero você longe daqui. Vá, a carruagem está à espera. Eu vou assim que puder.

Ela deu alguns passos em direção à porta, mas parou. Virou-se e voltou correndo para um beijo apaixonado, já em meio a lágrimas.

— Obrigada.

Ele a abraçou forte, já sofrendo pelo tempo em que ficariam separados.

— Eu te amo.

— Eu também.

Ele não ficou para vê-la partir, pois tempo era um luxo que ele não tinha, então. Lá dentro, o carrasco guardou suas armas, tentando se conformar com a oportunidade perdida. “Mas deixa pra lá.” Outras iriam aparecer. “Afinal, dizem que os tempos estão mudando...”

C A P Í T U L O

Parecia um armazém, ou um borracheiro, mas sempre fechado. À noite, porém, se revelava. A porta central de ferro, levantada, nos deixava de cara com um balcão improvisado onde se entregavam os talões de consumação. Era só pegar a passagem da direita que levava a um micro labirinto que desembocava na grande sala principal.

À direita, o pequeno elevado com as mesas que eram cercadas por sofás em vez de cadeiras, onde muitos frequentadores costumavam cochilar, dependendo do estado alcoólico. Em frente, no fundo da sala, o bar. Luzes direcionais formavam pequenos focos de luz ao longo do balcão, onde o *barman* gostava de colocar *drinks* coloridos, formando um belo visual. O *barman*, aliás, sendo seu camarada, podia caprichar na dose de vodka do seu *Sex On The Beach*, sem se importar muito se você agüenta vodka.

O corredor à direita era a única forma de seguir em frente. Na parede da esquerda, duas portas que, segundo os sinais, levavam aos banheiros masculino e feminino. Elas, entretanto, levavam à mesma sala, bem grande e toda em azulejos, com um outro bar à esquerda e espelhos em frente ao lado dos sofás, onde os casais se engoliam. À direita, finalmente, o banheiro. Três cabines masculinas de um lado, três femininas do outro, disposição belissimamente amoral que denunciava a origem homossexual da casa, público então restrito às quintas-feiras. O guarda-volumes ficava prati-

camente dentro do banheiro, em frente à única pia dali, que servia a todos. Acima da pia, o famoso espelho onde, por mágica ou uma iluminação cuidadosa ou casual, todos ficavam lindos.

Saindo dali e continuando até o fim do pequeno corredor, a parada final: a pista de dança. Totalmente forrada de preto, mal se via as pessoas dançando, que, teimosamente, também só vestiam preto. O *DJ* detonava *heavy metal*, *hard rock*, *rap* de verdade, tornando aquele o único lugar onde se podia dançar sem sentir seu bom gosto agredido, estuprado e esquarterado.

Assim era a “Dr. Smith” no Rio de Janeiro, antes que a administração desleixada fosse tornando as paredes feias, a antes magnífica iluminação sem qualquer cuidado e toda aquela estranha e entorpecedora sensação de se estar dentro de um filme desaparecesse por completo.

Acima de todos, alguém observava atenta e religiosamente aquele canto do cisne. Em um segundo andar recém-construído, ele se debruçava na cerca de madeira. No aposento, apenas uma mesinha e dois sofás, totalmente ideais para os casais que quisessem dar um amasso muito bem dado. Atento a cada movimento do salão, ele a percebeu chegando com um *drink* na mão, subindo as escadas que começavam ao lado das mesas, bem à frente dele.

— Quer um *Bloody Mary*?

— Você não se cansou dessa piada?

Ela suspirou.

— Eu me cansei é de você! E não é piada não. Toma um gole, tá bom.

— Não, obrigado — ele não tirava os olhos do salão.

— Mas que saco, Mikahil! Dois meses pendurado nessa cerca que nem um chimpanzé! Tudo que eu faço é dançar, beber e caçar... sozinha! Se não quiser mais olhar pra minha cara é só dizer! *Merde!* — seus pequenos olhos negros se

contraíam, como sempre fazia quando se irritava ou quando lhe jogavam uma verdade na cara. Mikahil nada respondia. Não havia lugar naquele momento para a alva maciez da pele, para a profunda noite dos longos cabelos ondulados, para o perfume gélido dos lábios já há séculos entregues à insaciável fome da não-vida. Ele precisava se concentrar para a importantíssima tarefa que se propôs a cumprir.

— Sabe, você tá exagerando — disse ela, quebrando o silêncio. Ela realmente odiava silêncio — Há quanto tempo você não faz isso?

— O tempo da Lei. Não me diga que esqueceu...?

— Diz! Diz, pode dizer o que você pensou. “Não diga que esqueceu, *já que foi sua culpa!*”

— Que bom que não preciso dizer.

— Babaca!

Elise sentou-se no chão encostada na parede a uns dois metros dele. Terminou de um gole só a metade restante do seu *drink* e tentou ficar quieta. Como seria bom se ela se calasse de vez em quando, pensasse antes de falar! Talvez assim tivesse mantido a maioria dos velhos amigos. Mas será que esses amigos teriam valido a pena? Olhou Mikahil com a ternura de quem sabe que é querida. Ele era o único que a amava pelo que ela era, e ela sabia o quanto isso era difícil. Mas ele às vezes era TÃO irritante!

— Trezentos anos, Mikahil! — diabos, ela não consegue! — Você pode fazer a cada cinquenta, mas não faz há trezentos! Do que você tem tanto medo?

Mikahil pensou em responder, mas isso a magoaria. Ele não queria cometer o mesmo erro duas vezes. A música dos Cramberries que vinha do telão acima das mesas não era suficiente para abafar o som ensurdecedor do Nirvana que vinha da pista de dança lá no fim do corredor. Aos primeiros acordes de *Smells Like Teen Spirit*, uma menina ruiva saiu correndo do balcão do bar e foi em direção à mesa bem abai-

xo de onde Mikahil estava. Ela puxou duas meninas que estavam sentadas, uma de cabelos negros bem longos e uma loira com o cabelo nos ombros. Todas pareciam menores de idade, o que não era difícil encontrar por lá. Os imensos olhos verdes de Mikahil seguiam as moças enquanto elas corriam em direção à pista e ele deixou escapar:

— Uma dessas seria bom.

Elise não acreditou no que ouviu e deu um salto em direção a ele para ver quem afinal seria finalmente digno de tamanha honra.

— Mikahil... são crianças!

— Adolescentes.

— Pior!

— O que quer dizer? A filosofia da Lei de Restrição é a de que cada um seja responsável por aquele que cria. No fundo é como ter um filho. Essas meninas são puras, em formação, totalmente suscetíveis à doutrinação de professores, líderes políticos, ídolos da mídia, o diabo que for! É muito mais simples e seguro escolher uma pessoa assim do que... do que...

— Do que uma mulher crescida, teimosa, esquentada e cheia de personalidade.

Ele percebeu então naqueles olhinhos apertados que o fulminavam que ele acabara de fazer o que tentou evitar. A própria Elise se debruçou na cerca e começou a fitar o salão exatamente como ele vinha fazendo nos últimos meses. Não podia acreditar que alguém, nem mesmo Mikahil, seria capaz de tamanha ingenuidade.

— E você levou trezentos anos para chegar a essa brilhante conclusão.

— Não exatamente — respondeu ele, consciente da oportunidade de rir de si mesmo.

Ela, de fato, riu, tendo mesmo era vontade de chorar com a terrível descoberta. A pergunta que acabara de

fazer sobre o que dava tanto medo a Mikahil foi rápida e implacavelmente respondida. Seu grande medo era criar outra Elise, que não lhe obedecesse, que tomasse as próprias decisões e o fizesse pagar pelo que fez. De uma hora para outra, sentiu-se profundamente cruel. Queria rasgar-lhe a garganta com os dentes, abrir seu peito com as mãos, beber seu sangue e comer seu coração. Mas preferiu fazer algo muito pior: desafiá-lo.

— Você não vai conseguir.

— Quê? — Mikahil se espantou com a observação vinda de Elise. Justo ela, que vivia insistindo para que ele tomasse logo uma providência?

— É obvio que não vai. Não com uma adolescente. Vai perder o controle — ela continuava fitando o salão sem olhar para Mikahil.

— Perder? Não há situação mais fácil de controlar do que essa.

Elise, então, finalmente se virou para ele e, olhando-o bem no fundo dos olhos, disse bem devagar, com a cabeça ligeiramente levantada e o dedo indicador tocando-lhe firme no peito repetidas vezes:

— Você... vai... falhar!

Mikahil ficou mais surpreso do que propriamente zangado. Poucas vezes vira Elise tão petulante. Por um momento receou que estivesse certa, mas sabia que aquilo nada mais era do que mágoa. Mas, como sempre fora muito bom em pose, não desviou o olhar dela e desceu as escadas sem dizer nada. Foi direto para a pista de dança, pois estava na hora de olhar as moças mais de perto. Kurt Cobain estava em pleno solo de sua guitarra raivosa quando Mikahil avistou as três meninas no meio da pequena massa entorpecida por som, álcool e pó.

Seu olhar foi imediatamente puxado pela ruiva de lábios finos, que dançava sozinha como se o resto do mun-

do não existisse. “Interessante”, pensou ele. Mais ao fundo, a morena dançava agarrada com um sujeito ignorando a fúria da música que tocava. Trazia uma paz no rosto que poucas vezes encontrou. E, mais perto dele, a loirinha de cabelos nos ombros e lábios carnudos dançava lenta e sensualmente, ignorando seu parceiro que dava espasmos a cada virada de bateria. Deu mais uma olhada nas três e confirmou a escolha que fizera, na verdade, quando as viu no salão a primeira vez.

* * *

Ana abria os olhos de vez em quando para ver se aquele cara já tinha ido embora. Qual era o nome dele mesmo? Sei lá, mas era chato. Então, sem mais nem menos, um calafrio percorreu seu corpo e sabe lá Deus por que, olhou instintivamente em direção à porta. Lá, de pé, olhando em sua direção, estava ele. Mas ele quem? Não tinha a mínima idéia de quem era, mas sabia que estava ali para buscá-la. Suas pernas tremiam, seu coração disparava e um frio vácuo tomou conta do seu estômago, de modo que não sabia se aquilo era excitação ou medo. Mas medo de quê? De um loiro alto de olhar penetrante? Era tudo que suas amigas queriam. Até ela, talvez. Conforme ele se aproximava, com sua cadência sensual e silenciosa, quase felina, tudo à sua volta ia desaparecendo. As pessoas, as luzes, até que tudo fosse absoluta escuridão, sobrando apenas ele, estranhamente destacado no meio do nada. Ele foi chegando cada vez mais perto. Ela queria correr, mas não se mexia. Queria gritar por socorro, mas não queria ser salva. Ele a envolveu nos braços e ela sentiu um frio que só podia ser de morte. Um leve sorriso em meio àqueles olhos docemente diabólicos amoleceu seu corpo extremamente tenso. Um delicioso arrepio lhe to-

mou conta quando ele encostou os lábios em seu pescoço, para em seguida ser tomada por um prazer que jamais pensou ser possível. Sentiu-se esvaziada de todo o peso e sofrimento que viviam lhe dizendo não serem possíveis para uma menina de quinze anos e tudo que sobrou foi Kurt Cobain, que por nenhum momento abandonara seus ouvidos, dando seus últimos gritos de dor.

C A P Í T U L O



— Vam’boooora! Acorda pra cuspir!! — Lúcia abria a cortina do quarto com força, fazendo questão do barulho irritante. Ana imediatamente enfiou a cabeça debaixo dos lençóis, fugindo da luz do dia que praticamente a cegava.

— Aaah! Fecha essa porra, Lúcia!!!

Lúcia ignorava alegremente as súplicas da amiga.

— Vamos levantando que hoje é dia de farra na casa da Susie e a gente tem que aproveitar essas férias. Além do mais, que história foi aquela de sair da Doctor com aquele loiraço e não falar com ninguém? — inquiriu, arrancando o lençol de cima dela enquanto ela gritava.

— Aaai! Não faz isso!

— Nossa, dormiu pelada? A noite foi boa, hein?

— Fecha a cortina, Lúcia. Minha pele tá queimando!

— Ah! Cada dia é uma frescura nova. Levanta logo, criatura.

— Feche a cortina agora.

Lúcia se assustou com a voz firme e suave que veio do fundo do corredor. Ele se aproximou lentamente da porta do quarto e ela reconheceu o “loiraço” da noite anterior, de calça preta e sem camisa.

— O que esse cara tá fazendo aqui, Ana? Sua mãe sabe disso?

— Ela ainda tá aí? — perguntou Ana num sobressalto, sem compreender direito no que se metera.

— Não, ela me deixou entrar quando tava saindo pro trabalho — Lúcia se virou para o estranho, tomando a frente da situação — Olha aqui, meu amigo, acho melhor você sair fora agora. Ela te liga amanhã, falou?

— Quem vai sair é você.

— Escuta aqui! Se manda ou eu chamo a polícia, entendeu?

— Você não vai chamar ninguém — disse Mikahil, sem modificar o tom da voz, aproximando-se levemente de Lúcia — Você vai embora agora.

Lúcia sentiu toda sua coragem e determinação escorrerem pelos seus braços e pernas e começou a andar em direção à porta.

— E feche a cortina primeiro.

Lúcia obedeceu como quem atende uma ordem paterna, daquelas que ameaçam corte de mesada. Ela foi saindo sem dizer nada e Ana a chamou antes que sumisse.

— Lúcia! Eu te ligo depois!

— Tá — respondeu ela sem parar nem se virar. Mikahil se aproximou de Ana e sentou na beirada da cama, enquanto ela se encolhia na outra ponta.

— Quem é você?

— Meu nome é Mikahil. Aos poucos você se lembrará do que aconteceu ontem. Seu corpo está no fim de suas transformações. Os delírios e convulsões já passaram, seu sangue esfriou, a vida deixou seu corpo. Em algumas horas você terá fome.

Lentamente, a mente de Ana foi se livrando das sombras que a cobriam e as lembranças se revelavam. Lembrou-se de tê-lo encontrado na pista de dança... ela o trouxe para sua casa... mas como? Ela estava louca, por acaso? Sua mãe a mataria! Mas como ela não acordou? Como não o viu? Eles... fizeram amor! Só havia feito isso com o Rogério, depois de dois anos de namoro. E agora com um completo

estranho! E foi tão... meu Deus! Ela bebeu sangue!

— Meu Deus! Quem é você? — era estranho, mas não se sentiu bem com o que disse.

— Terá que se desacostumar com invocações divinas — observou ele — Não lhe farão bem.

— O que você fez comigo?

— Eu lhe dei vida eterna. É agora uma criança da noite. Carne de minha carne. Sangue de meu sangue. E aprenderá sobre nossa vida e nossa história através de mim. Agora descanse. O Sol irá se pôr dentro de oito horas. E então nós sairemos para caçar.

Ele tocou a testa de Ana e ela adormeceu quase instantaneamente. Ele terminou de se vestir e saiu. O sol não o incomodava muito, já estava acostumado. Do contrário, já teria voltado para Moscou.

C A P Í T U L O



— Tudo bem, meu anjo?

— Hein?

— Você dormiu o dia inteiro?

Ana ficou parada alguns segundos tentando reconhecer quem era aquela mulher parada no corredor da sua casa. Ah! Era sua mãe. Não se lembrava de ter bebido tanto assim na noite anterior, mas nunca teve uma ressaca tão monstruosa. E já eram seis da tarde.

— Você está pálida. Comeu alguma coisa?

Comer. Ela podia comer um boi! Resmungou alguma coisa para a mãe e entrou no banheiro. Juntou toda coragem que tinha e olhou-se no espelho. Pálida? Ela estava transparente de tão branca. Enfiou-se debaixo do chuveiro para tentar parecer gente para o resto da família. Resto, aliás, era a palavra certa. Com o pai morando em São Paulo e a irmã com o namorado, só sobraram ela e a mãe. Já fazia quase um ano, mas ela ainda não se acostumara direito. Mas hoje... Hoje nada importava muito, a não ser a...

— Fome! Não consigo nem ver direito!

— Calma! Seu bife ainda está...

— Não, tá bom assim! *Bem* mal passado!

Clara estranhou. Aquilo não fazia o estilo da filha. Pelo contrário, ela gostava da carne bem tostadinha. Cru, só *sushi*.

— Tem certeza?

— Tenho! Manda!

Clara ficou vendo a filha devorar a janta, ou almoço, ou café da manhã, o que fosse. Era uma morena bonita, cabelos curtos, olhos escuros e 42 anos muitíssimo bem vividos. Detestava tanto dar sermões quanto receber. Achava que as pessoas só aprendiam com os próprios erros. Mas que vontade de dar uns tabefes naquela menina! Aquilo era porre que se tomasse?!

— Eu fazia essas coisas na sua idade — começou, como quem não quer nada. — Eu chegava lá pras duas da manhã, tirava o sapato e tentava entrar sem que meus pais me ouvissem. Há! Como se o vinho me deixasse entrar em casa sem esbarrar em nada... Ah, maldito o dia em que eu descobri o vinho. E olha que no meu tempo não era mole como hoje, não! Já ouvi coisas que iam de “puta” pra baixo — de sua própria mãe, é verdade, mas ela não ia dizer isso naquela hora — Sua geração tem mais sorte. Pode fazer mais besteiras com menos aporrinhção.

Demorou um pouco, mas finalmente percebeu que a filha a ignorava completamente. Viu-a terminar a janta e se levantar da mesa como se a mãe não estivesse ali.

— Não tem de quê — disse, não esperando que a filha ouvisse. Logo a viu voltando com outra blusa e a bolsa.

— Já vai sair?

— Vou na casa da Susie.

— Ah, claro... Hoje é dia de farra na casa da Susie...

Como é que eu esqueço dessas coisas?

— Tchau!

— Se vocês forem para outro lugar você me liga?

— Ligo.

— Promete!

— Prometo! — Ana já estava lá fora. Clara suspirou.

— Estou falando com uma parede.

Ana dobrou a esquina e desistiu de pegar o ônibus. Estava agitada, irritada, queria se mexer. Resolveu ir a pé,

apesar de ser uma caminhada de meia hora. O jantar pareceu não ter adiantado muito. Ainda se sentia estranha, com fome de alguma coisa. Se Lúcia estivesse ali, diria que era falta de p... bom, deixa pra lá. Principalmente porque devia ser mesmo, ainda mais com aquele sonho que teve. Gente, o que era aquilo?! Se todos os pesadelos fossem assim, não iria querer saber de outra coisa! Ainda estava tentando se lembrar do rosto daquele loiro quando o próprio apareceu como um fantasma na sua frente. Mal pensou em gritar e ele já estava tapando sua boca com a mão numa velocidade assustadora. Foi completamente inundada por um pânico maior que sua própria alma. Aquilo só podia significar uma coisa: o pesadelo era real. Ela fez amor com um estranho. Ela bebeu sangue. “A vida abandonou seu corpo”.

— Não grite.

Ele foi lentamente tirando a mão de sua boca. Não foi difícil obedecê-lo. Não conseguia nem falar, quanto mais gritar.

— Já tem consciência do que aconteceu com você ou eu preciso explicar de novo?

Ela apenas mexeu a cabeça afirmativamente, espantando-se com a própria iniciativa. Ela realmente sabia. Apesar de não conseguir formular as palavras em sua mente, ela sabia.

— Você deve estar faminta. Venha comigo.

Ele pegou sua mão e num instante já estavam sobre uma árvore. Ana sabia o que estavam esperando e começou a se apavorar. Mikahil ainda segurava sua mão.

— Observe e você logo aprenderá. Somos muito mais ágeis — “somos”: a palavra a desafiava a lutar contra uma verdade irremediável. — e não há como errarmos. E não lute contra sua nova natureza. Resistência só lhe trará dor.

Lá embaixo, um homem caminhava preocupado. Afinal, já era noite e todo o tipo de marginais andava por ali. Ana viu Mikahil saltar da árvore e cair bem em frente ao homem, como um gato. O homem acertou sua maleta no

rosto de Mikahil, que apenas virou o rosto para o lado, amortecendo o impacto. Ele então se virou e suas presas já se mostravam para a vítima sem esperança. Sem saber direito o que o atingiu, o homem voou alguns metros com o impacto das garras que saíam das mãos de Mikahil. Ele ainda se levantou na esperança de conseguir escapar, mas Ana o atacou por trás, enterrando suas presas em seu pescoço. Quando Mikahil se aproximou, o pescoço do homem já estava completamente dilacerado e Ana, totalmente embriagada em seu banquete de sangue. Com o rosto, pescoço e roupas cobertos de vermelho, Ana olhou para Mikahil e lhe estendeu a mão em concha, oferecendo um pouco de sangue. Mikahil se ajoelhou à sua frente e bebeu de sua mão, já com a certeza de que a fase mais difícil, a de adaptação, já estava superada. A menina era uma caçadora e tinha imenso prazer no que, para muitos, era uma maldição. Ana queria beijar a boca daquele homem que ainda lhe parecia um demônio, por lhe mostrar um lado tão monstruoso dela mesma. Um lado que, ao que tudo indicava, nunca mais a abandonaria. Mas ela ainda tinha fome e continuou seu banquete, ainda lembrando com alegria a forma selvagem, precisa e instintiva com que atacou aquele homem. Como se tivesse feito isso a vida toda. Foi melhor que sua primeira noite de sexo.

C A P Í T U L O

IV

—O que vai ser de mim agora?— perguntava com um leve sorriso. O corpo de sua primeira presa já estava num matagal próximo. Eles estavam em cima da mesma árvore, não mais esperando uma vítima, mas apenas descansando. Ana se estirou sobre um grosso galho enquanto olhava a Lua por entre as folhas.

— O que achar melhor. Você é livre para escolher. Mas não a aconselho a voltar para casa. Seus hábitos terão que mudar completamente e não será fácil manter segredo de sua família.

— Minha mãe.. — murmurou ela. Não havia pensado na mãe — Eu sou a única que sobrou na vida dela. Eu não posso deixar ela sozinha. Eu não posso abandonar a minha mãe!

— Então você tem um problema — diagnosticou, sem a menor alteração.

— Então eu vou resolver — disse, descendo da árvore.

— Aonde você vai?

— Onde eu disse que estaria.

— Você está coberta de sangue.

— Eu sei.

— Ainda há muitas coisas de que você precisa saber.

— Você me diz depois. Não parece ter problemas para me achar.

Ela seguiu em frente, escolhendo os cantos mais escuros ao longo do caminho. Pareceu-lhe um pouco óbvio

imaginar-se invisível para as pessoas que passavam e, estranhamente, ninguém parecia mesmo notá-la, apesar de seu rosto e de sua blusa, antes branca, cobertos de vermelho. Chegou à casa de Susie muito mais rápido do que imaginava. Olhou à volta e tocou o apartamento 403 no interfone.

— Quem é?

— Sou eu, Susie.

— Você tá maluca, garota? Sua mãe falou que você saiu de casa faz duas horas! Ela tá que nem uma louca te procurando!

— Cala a boca e desce aqui.

— Hein?

— Desce aqui. E não diz pra ninguém que eu cheguei. E me traz uma blusa sua. E um sabonete.

— Ih, começou a exploração.

Susie pegou a blusa no quarto e saiu pela porta da cozinha. Pegou o elevador e foi se aproximando da porta da frente, mas não conseguia ver Ana do lado de fora. Abriu a porta e saiu devagar, sem saber direto o que temia.

— Ei! Susie!

Ela ouviu o sussurro e olhou para a direita. Lá do fundo, num canto escuro, pôde distinguir Ana.

— Ana! Você tem noção, menina? Que ninguém sabia onde você tava e eu já não sabia mais o que dizer pra sua mãe?

— Não chega muito perto.

— Ah, o que foi que você aprontou, Ana...

Susie soltou um grito e Ana tapou sua boca com a mão. Susie podia sentir o gosto de...

— Sangue! — disse Susie tirando a mão de Ana de sua boca — Virgem Santíssima, o que houve com você?

— Foi um acidente. O sangue não é meu. Tem uma bica aqui embaixo?

— Aqui na garagem, vem.

Susie levou Ana até um canto da garagem onde ha-

via uma bica d'água. Ana tirou a mangueira usada para lavar os carros e começou a esfregar o rosto com o sabão. Ao tirar a blusa para lavar o pescoço e o peito, percebeu que o sutiã estava tão sujo quanto a blusa e o tirou também.

— Você tá maluca? — assustou-se Susie. — Alguém pode te ver!

— É mesmo... — Ana percebeu meio abobalhada o que estava fazendo, pois estava pronta para tirar a saia que também tinha algumas gotas de sangue. Mas não se abalou muito. Terminou de se lavar e vestiu a blusa de Susie, que aderiu à pele úmida, delineando-lhe os seios. Abaixou-se então para pegar a roupa que havia jogado no chão.

— Lá em cima você me empresta uma saia também?

Não veio resposta. Ana levantou o rosto e encontrou uma Susie encostada na parede, com o rosto assustado e lágrimas nos olhos. Ana foi se aproximando dela.

— O quê que aconteceu com você, Aninha? Lúcia me falou de um cara esquisito na sua casa hoje, depois você some, e agora aparece coberta de sangue e age como se fosse normal — as lágrimas desciam cada vez mais e os soluços quase a impediam de continuar falando — O quê que houve com você?

Ana abraçou Susie com ternura, afagando seus imensos cabelos negros, enquanto esta se acabava em lágrimas com o rosto apertado contra o ombro de Ana.

— Ah, minha fofa, tá tudo bem. Não aconteceu nada. Tá tudo bem — confortar Susie não era uma tarefa difícil. Ela sempre foi a mais doce e mais “gracinha” das três. Sempre com um sorriso e um brilho nos olhos verdes, Susie encantava a todos, meninos e meninas, com a sinceridade e simpatia que traziam amigas (e sem fazer o gênero devoradora que poderia gerar inimigas) e a doçura e fragilidade que inspiravam um grande desejo de proteção por parte dos rapazes. Tanto açúcar, porém, não a deixavam

intragavelmente melosa. Susie sabia destilar seus venenos nas conversas madrugadas adentro com Ana e Lúcia, quando falavam de tudo e de todos. Ver aquela fofura toda falando mal dos outros deixava tudo duas vezes mais engraçado. Ana repetia palavras de conforto, sem saber direito o que dizer de fato. Tinha que explicar alguma coisa, mas não tinha certeza se contava a verdade para elas. Sim, elas, pois Susie, Lúcia e ela própria eram quase uma pessoa só e tinham esse pacto mais ou menos implícito de contar todos os seus segredos umas para as outras. Uma vez sua mãe lhe dissera que um dia uma delas se recusaria a contar alguma coisa para as demais. Ana achou um absurdo. Se se tornar adulta, conceito que ela, aliás, questionava profundamente, significava trair suas melhores amigas, em quem confiou toda a vida, então ela dispensava sem a menor cerimônia. Mas agora a história era outra. Teria ela...?

— Quem tá lá em cima?

— A Lúcia com o Júlio, — disse Susie, recobrandose — o Marcus, a Sílvia e... o Rogério.

— Puta que pariu — sussurrou Ana.

— Ele também tá preocupado com você!

— O Rogério não se preocupa com ninguém.

— Não é verdade, Aninha. Tá todo mundo preocupado. Você não vai me dizer o que houve?

Ana suspira.

— Depois. Agora vamos subir.

Chegando lá em cima, Susie foi direto pegar uma saia para Ana, enquanto esta dizia um “oi gente” para todos, como se ninguém tivesse dado falta dela, e ia direto para o telefone.

— Olha só quem apareceu...! — Marcus, namorado de Susie, estava estirado no sofá como bom folgado que era. Grande parte do seu charme, aliás, residia nessa sua capacidade de ir chegando, se acomodando e se apropriando do que não era seu, com um sorriso com o qual era difícil de

discutir. Dizia-se que essas “apropriações” também incluíam outras garotas... mas Susie jurava que ele estava regenerado. Já Marcus nunca jurava nada. Do alto de seu 1,63m, dois centímetros mais baixo que Susie, seus cabelos escuros batidos e sua pele bronzeada, Marcus apenas sorria e tudo estava resolvido.

— Oi, mãe. Não, tudo bem. É que teve um acidente no caminho. Desculpa, mas não deu pra ligar antes. É, foi o ônibus. Atropelou um táxi. Tudo bem, eu vou passar a noite aqui. Beijo, mãe. Tchau.

— Ônibus? — perguntou Lúcia, de um jeito que só ela sabia.

— É — respondeu Ana com um magnífico ar de “cabeça-de-vento” que ela adorava dar de vez em quando.

— Ônibus? — repetiu Lúcia, numa eminente guerra de cinismo.

— Puxa, gente. Esse negócio tá perigoso mesmo. Vocês imaginam que outro dia... — era Sílvia, a verdadeira cabeça-de-vento do grupo, começando mais uma história que todos se cansariam de ouvir antes do final. Amiga de colégio de Lúcia, começou a aparecer nas “farras-da-casa-da-Susie” e foi ficando. Nesse ponto, era bem parecida com Marcus. Mas era difícil não simpatizar com aquela menina com 18 anos naquela carinha fina e bonita, não por ela estar sempre sozinha, mas por acreditar que o namorado, que trabalhava em Belo Horizonte há dois anos e que ela via a cada dois ou três meses, era fiel a ela. Susie interrompeu o papo furado trazendo uma saia para Ana.

— Isso daí é sangue? — Rogério levantou a cabeça. Tentara não se meter para não escutar mais um esporro sem motivo. Mas ficou preocupado.

— É, mas não é meu — e saiu em direção ao quarto de Susie. Rogério foi atrás dela e Júlio enfiou a cara entre as coxas de Lúcia como uma criança que vai chorar no colo da mãe.

— Ah, meu Deus! Esse cara não aprende!

Lúcia afagou os longos cabelos castanhos dele.

— Fazer o quê? Teu amigo é uma mala!

— E tua amiga é maluca! — e começaram a discutir outra vez. Raramente os dois brigavam por causa de si mesmos, mas volta e meia saía um quebra-pau com cada um defendendo seus melhores amigos. Jamais passou pela cabeça de nenhum dos dois que talvez isso não fosse problema deles. Mas todo casal precisa de um motivo pra discutir. Rogério alcançou Ana antes que ela fechasse a porta do quarto.

— Espera aí. O que houve com você?

— Nada. Deixa eu trocar de roupa.

— Vai em frente — Ana olhou atravessado para Rogério, principalmente porque ela sabia que esse comentário não foi cinismo, e sim feito com total naturalidade. — Ah, qual é, não tem nada aí que eu não tenha visto!

Ana forçou para fechar a porta, mas Rogério a segurava.

— Larga a porta, Rogério.

— Ou outra pessoa qualquer.

Ana arregalou os olhos, não acreditando que ainda merecesse uma grosseria daquelas. Começou a empurrá-lo pelo corredor em direção à sala e, a essa altura, todos já ouviam os palavrões que ela gritava colocando o rapaz abaixo das baratas. Rogério acabou de pé no meio da sala, sem saber o que fazer com as mãos nem com a cara, enquanto Ana o encarava, finalmente calada, na frente de todos. Não satisfeita, começou ali mesmo a desabotoar a saia.

— Bom, já que é tão urgente então vamos falar. O que você quer saber?

Rogério ficou vermelho como um camarão e começou a emitir uma série de grunhidos, mas nenhum chegou a formar uma palavra completa. Marcus deu um salto do sofá e Júlio engoliu em seco. Ana deixou cair a saia e ajeitou a

calcinha de renda branca no corpo com se estivesse num comercial de *lingerie*.

— O que houve, Rogério? Fala. Ficou tímido de repente...

Vestiu a saia limpa enquanto Lúcia balbuciava um “ai, meu Deus” e Susie se perguntava se a amiga enlouquecera de vez.

— Puxa. Que pena que você não quer mais conversar!

Ana deixou um Rogério petrificado no meio da sala e foi em direção à cozinha.

— Ainda tem cerveja, Susie?

Rogério catou seus pedaços e saiu do apartamento sem dizer nada. Ana voltou com uma cerveja na mão e se sentou junto dos outros, com aquele mesmo jeito de “nada de mais está acontecendo”. Seguiu-se um silêncio constrangedor, principalmente para Júlio, que suava em bicas. Silêncio que acabou sendo quebrado por Marcus.

— Menina, você tá com uma bundinha branca à beça!

C A P Í T U L O

V

— Vocês vão me amar pra sempre?

A pergunta caiu como uma bomba para Lúcia e Susie. Não que ela já não tivesse sido feita algumas vezes antes, em momentos de grande crise ou totalmente banais. Nos banais, aliás, era quando ela ganhava muito mais força e significado, pois não tinha motivo para ser dita. Mas desta vez tinha um gosto diferente. Estavam apenas as três sentadas no chão, no meio da sala, pois os rapazes saíram por volta de meia-noite, aproveitando para dar uma carona para Sílvia até sua casa. A noite já havia sido bastante esquisita para ficar mais longa e era consenso entre os três que Ana estava “*completamente despirocada*” e que, se alguém podia descobrir o que estava acontecendo, eram Lúcia e Susie.

Havia uma profunda tristeza na voz de Ana. Um medo diferente, genuíno. Susie demorou apenas alguns segundos para responder.

— É claro que vamos, Aninha.

— O que foi que você fez, Ana?

— Lúcia! — repreendeu Susie. Toda a pose e segurança que Ana vinha mostrando desapareceu e ela agora precisava da ajuda delas. Mas Lúcia insistia.

— O que você fez?

Ana olhava para o chão.

— Eu... não fiz nada. Eu não pude evitar. Fui... escolhida.

— Tem alguma coisa a ver com aquele cara que eu vi na sua casa hoje?

— Sim...

— Então tá, você foi pra cama com um desconhecido. Usou camisinha?

Ana ficou em silêncio, o que levou Lúcia a tirar conclusões.

— Mas que merda! De todas as minhas amigas cabeças-de-vento, você é a última que eu esperava fazer uma besteira dessa!

Ana queria encontrar uma maneira de explicar o que ela apenas começava a entender. Se fosse tão simples como Lúcia pensava... apenas sexo com um estranho... “Lavou, tá novo!”, como dizia o Marcus. Mas não havia forma de explicar o inacreditável, a não ser...

— Eu estou morta.

— Que é isso, Aninha? — adiantou-se Susie, achando a certeza da amiga um total exagero. — Isso não quer dizer que você pegou alguma doença terrível...

— EU ESTOU MORTA!

Com o grito de Ana, elas perceberam que talvez ela estivesse querendo dizer algo diferente do medo de ter pego um vírus.

— Eu vivo uma não-vida. Eu matei um homem e bebi seu sangue.

Lúcia e Susie sentiram seu próprio sangue gelar. Não que elas tivessem acreditado ou sequer compreendido, mas ouvir uma coisa daquelas era assustador. Ana percebeu que não chegaria a lugar algum daquele jeito. Poderia assustá-las além da conta, mas teria que fazê-las entender o que dizia. Então curvou o corpo levando a cabeça em direção aos joelhos, escondendo o rosto por trás dos punhos cerrados. Começou a tremer levemente e a emitir sons quase inaudíveis de agonia. Lúcia e Susie pensaram que Ana estivesse em

prantos, até que ela começou a erguer a cabeça levemente e a revelar os olhos vermelhos como brasas e as presas que saltavam da boca. Susie deu um grito mudo e Lúcia deu um salto para trás, indo encostar na parede. Lágrimas desciam dos olhos em brasa quando ela finalmente conseguiu falar.

— Vocês ainda vão me amar?